

F. FIRMINO
(DEMOPHILO)

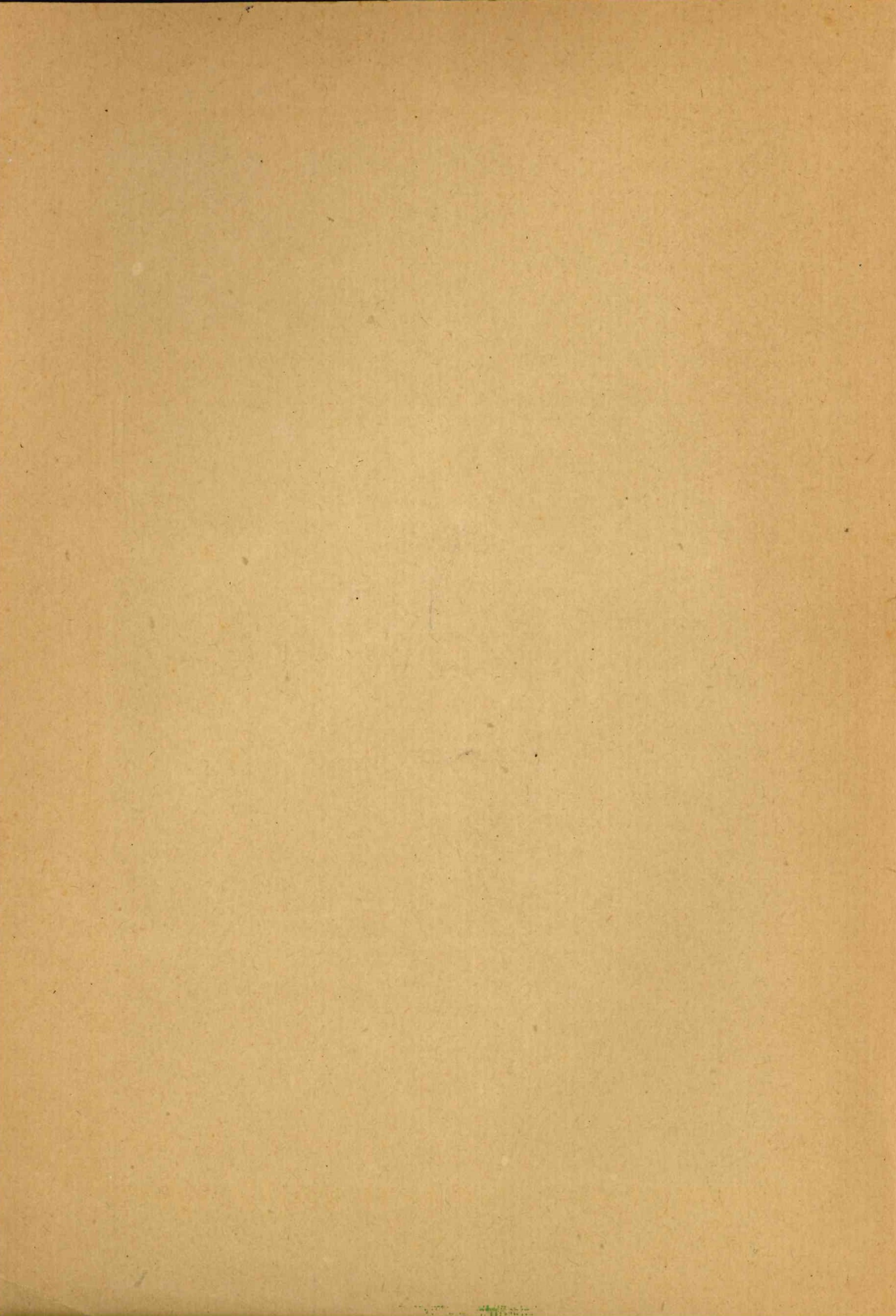
O Alcaide de Faria

POESIA HISTORICA
(MONOLOGO)

TIP. GUTTENBERG
529, RUA DO ALMADA, 531
PORTO-PORTUGAL



8)
21.134.3-1Firmينو,
R





O ALCAIDE DE FARIA



MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº 51786

*Penha
Barcelonense*

O ALCAIDE DE FARIA

1750



ANDA a guerra acesa. Entraram pelo norte
As hostes de Castella. O pavilhão da morte
Velou o ceu azul... Devastações, ruínas...
O incendio, a miseria, o exodo, as chacinas...

A bandeira real das hordas invasoras

Fluctuava arrogante...

Timbravam os clarins como explosões sonoras...

Os elmos teem clarões, relinham os corseis

Luzem flechas do sol no aço dos broqueis

Em raiva coruscante...

Era o tempo da guerra. Os campos, as herdades

Sofrem a assolação, saqueiam-se as cidades

Postas a ferro e fogo...

As hostes de Castella

Avançam sem temor sob propicia estrella

Vencendo e destruindo as granjas e os castellos

N'uma razia louca... Acampam em Barcellos...

Mal chegaram, porém, n'um bélico fragor

Tremeu de susto logo o exercito invasor...

Metálico estridor, trombetas de rebate
Anunciavam, longe, os toques de combate...
Era o Conde de Ceia á frente de aguerrida,
Heroica cavalgada, intrépida, luzida;
Vinha deter o passo ao invasor ousado...
Com um troço de heroes avança denodado
Rompendo os esquadrões trava rija peleja...
E lucta altivamente, indómito braveja,
Com nobreza e valor e o brio dos guerreiros...

Descia o pôr do sol, agonisava o dia...
A batalha findou. Cahiram prisioneiros
O nobre capitão da hoste portugueza
E o velho alcaide-mór da villa de Faria...

— Ala fé jurarás com animo e firmeza,
Ala fé jurarás na leal cavallaria
Que és nosso prisioneiro... e custa o teu resgate
O castello que tens em guarda e em defeza,

Mui nobre alcaide-mór da villa de Faria,
Hoje em nosso poder e vencido em combate...
Assim falou erguendo a voz altiva e forte
O capitão audaz da inimiga cohorte...
— Pois sim! — lhe respondeu o venerando ancião... —
Entrego esse castello impondo a condição
De fallar a meu filho...

— E' justo, — o hespanhol

Anuiu sem detença...

Ao romper do arrebol

O velho alcaide-mór altivamente foi
Na forte placidez serena do heroe...
Chegou ante o castello...

Olhou a barbacã...

Despontava a sorrir a pálida manhã...
N'isto o filho surgiu. Do alto do eirado
Falou ao velho pae...

— Captivo e desgraçado!

— Bradou em comoção... —

— Mas a honra, porém.
Salvou-se, — disse o velho olhando com desdem
A escolta que o cercava e com voz stentória
Que ha de echoar sem fim nas arcadas da historia
Ao filho grita assim:

« A maldição de Deus
Desabe sobre ti... A cólera dos ceus
Te abraze e te devore o fogo do inferno...
Que caia sobre ti como um castigo eterno
A convulsão do mal n'um trágico estertor...
Maldito sejas tu, como Judas traidor
No dia em que, tremente, ao perpassar da aragem
Arrogante fluctuar na torre de menagem
O guião de Castella... E verte gotta a gotta
O teu sangue de heroe e vinga esta' derrota...
Vinga teu pae, meu filho!

Alevanta este brio
Da raça portugueza e que um cadaver frio
Barre a porta real d'esse castello em chammas

Quando estes hespanhoes erguendo as auriflammas
O ousarem penetrar ..»

Logo, em tropel, rugindo,
A escolta berrou, cercando de roldão
O velho alcaide-mór:

Traição! Traição! Traição!...

O sol sangrava luz no ceu cerúleo e lindo...
N'isto ulula feroz um côro de vinganças
E, n'um lago de sangue, em barbara agonia,
O velho alcaide-mór da villa de Faria
Tombou, rolou no chão crivado pelas lanças...





biblioteca
municipal
barcelos



51786

© Alcaide de Faria